

Rosto e corpo estranhos: a vesga Angélica Ricos Olhos e a coxa Dolores de *A Gloriosa Família* (1997), romance angolano de Pepetela

Denise Rochaⁱ

RESUMO

O objetivo do estudo, baseado nas reflexões de Garcia, Monteiro, Bragança, Silva e Goffman, é apresentar no romance *A gloriosa família* (1997), do angolano Pepetela, de um lado, a questão da estética do corpo, do estigma e do preconceito que afeta as pessoas que têm deficiências corporais, como duas mulheres – a estrábica Angélica Ricos Olhos, livre e mulata, e a deficiente de movimento na perna Dolores, escrava e negra –, em Luanda, nos anos 1641 a 1648. E, de outro, suas estratégias de sobrevivência em um ambiente hostil e violento, que classificava e banalizava o corpo delas que tinham alterações congênicas, como aleijado, abjeto, degenerado e monstruoso, e lhes causava um profundo impacto sociopsicológico.

Palavras-chave: Literatura angolana; Pepetela; *A gloriosa família*; Deficiência; Preconceito.

ABSTRACT

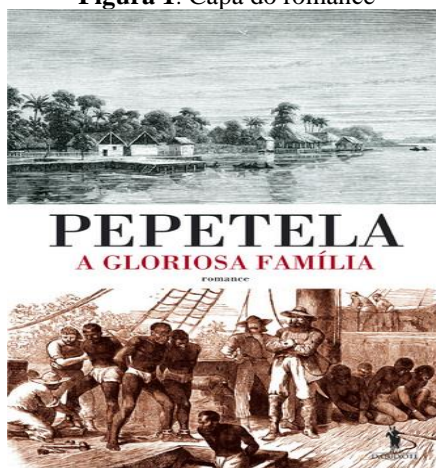
The objective of the study, based on the reflections of Garcia, Monteiro, Bragança, Silva and Goffman, is to present in the novel *The glorious family* (1997), by the Angolan Pepetela, on the one hand, the question of the aesthetics of the body, stigma and of the prejudice that affects people with physical disabilities, such as the two women – Angelica Ricos Olhos, free and mulatto, and the deficient movement in Dolores' leg, slave and black leg – in Luanda from 1641 to 1648. And, on the other hand, their survival strategies in a hostile and violent environment, which despise and trivializes their bodies that had congenital alterations, such as crippled, abject, degenerate and monstrous, and had a profound socio-psychological impact on them.

Keywords: Angolan literature; Pepetela; *The glorious family*; Deficiency; Prejudice.

ⁱ Doutora em Literatura e Vida Social na UNESP/Assis, é professora no Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará (UFC).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3906-2957> | rocha.denise57@gmail.com

Figura 1: Capa do romance



Fonte: Pepetela (2016)

INTRODUÇÃO

[Angélica]. Mulher alta bem feita, e com um par de mamas a querer fugir do decote. Mas o mais notável eram os ricos olhos do nome. Nunca tinha visto uma pessoa tão estrábica. O olho esquerdo olhava totalmente para a esquerda e para baixo, enquanto o direito olhava totalmente para a direita e para cima. (PEPETELA, 1999, p. 325).

Dolores não tinha atributos físicos apreciáveis, além do andar extravagante, pois se mexia toda como uma cobra, num movimento ondulante desde os pés até a cabeça. (PEPETELA, 1999, p. 208).

A questão do corpo humano (funcionalidade, resistência e eficiência) e sua imagem, como representação física e mental, para a pessoa em si e para aqueles ao seu redor, são enfatizadas no romance, de Pepetela¹, *A gloriosa família: o tempo dos flamengos* (1997): na trajetória de Angélica Ricos Olhos e Dolores, personagens acima mencionadas, cujas deficiências assumem a proporção de o corpo delas serem entendidos como abjetos, degenerados e monstruosos.

Figura 2: Pepetela (2018)

Fonte: www.dn.pt/artes/duas-mulheres-na-angola-de-pepetela-5173696.html.

Agraciado com o Prêmio Camões em 1997, a narrativa² do escritor angolano mostra uma fase da História de Angola, nos anos 1641 a 1648, época na qual as disputas de Salvador (administração portuguesa) e Recife (governo holandês) pelo trabalho escravo africano refletiram em conflitos sangrentos num cenário transatlântico e periférico. A litorânea Luanda, fundada pelos portugueses em 25 de janeiro de 1575, estava imersa no reino do Ngola e passou a ser conhecida como o país das patacas no imaginário europeu por causa do tráfico escravo. Duas feitorias, a de São Paulo de Luanda (1576) e a de Benguela (1617), contribuíram para o comércio de “peças” (escravizados), que era desenvolvido na época dos batavos, principalmente, por Jinga (c. 1583-1663), rainha da Matamba, e Garcia II (1641-1661), rei do Congo.

No romance, cuja ação se passa durante os sete anos da ocupação holandesa de Luanda e adjacências, o narrador-escravo-mudo (personagem ficcional) conta a história do seu dono, o flamengo Baltazar Van Dum (personagem histórico): Negreiro, traficante de escravos, chegou a Luanda, em 1618, cerca de 23 anos antes da conquista da cidade portuguesa pelos patrícios.

Na dimensão da licença poética ficcional, Baltazar tem uma grande família: sua esposa oficial D. Inocência, negra, tem oito filhos legítimos (Gertrudes, Matilde, Rosário, Ana, Rodrigo, Ambrósio, Benvindo e Hermenegildo), e ele tem três bastardos assumidos (Nicolau, Catarina e Diogo), além de outros anônimos e vários netos. O filho Nicolau é o pumbeiro, o caçador de gente no interior do sertão, de tal prática criminosa provém o enriquecimento do estrangeiro que vive em uma sanzala, propriedade rural, perto de Luanda, e tem outra próxima ao rio Bengo.

Para a mestiçagem dos Van Dum, participaram também mulheres diferentes na aparência: a vesga Angélica Ricos Olhos, amancebada com Ambrósio, de quem teve um menino, e a coxa Dolores, mãe de Gustavo, filho de Hermenegildo.

No estudo “O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência”, Luciene M. da Silva explica:

O preconceito às pessoas com deficiência configura-se como um mecanismo de negação social, uma vez que suas diferenças são ressaltadas como uma falta, uma carência ou impossibilidade. A deficiência inscreve-se no próprio corpo do indivíduo seu caráter particular. O corpo deficiente é insuficiente para uma sociedade que demanda dele o uso intensivo que leva ao desgaste físico, resultado do trabalho subserviente; ou para a construção de uma corporeidade que objetiva meramente o controle e a correção, em função de uma estética corporal hegemônica, com interesses econômicos, cuja matéria prima/corpo é comparável a qualquer mercadoria que gera lucro. A estrutura funcional da sociedade demanda pessoas fortes, que tenham um corpo “saudável”, que sejam eficientes para competir no mercado de trabalho. O corpo fora de ordem, a sensibilidade dos fracos, é um obstáculo para a produção. Os considerados fortes sentem-se ameaçados pela lembrança da fragilidade, factível, conquanto se é humano. (SILVA, 2006, p. 426).

A questão da estética, do estigma e do preconceito que afeta as pessoas que têm deficiências corporais, denominadas popularmente de aleijadas dos olhos e das pernas, como as duas mulheres – uma livre e outra escrava –, em Luanda, nos anos 1640, e seus mecanismos de sobrevivência serão temas desse estudo, baseado nas reflexões de Garcia, Monteiro, Bragança, Silva e Goffman.

1. ESTÉTICA DO CORPO: CONCEITOS, DEFICIÊNCIAS CORPORAIS/ MENTAIS E IMPACTO SOCIOPSICOLÓGICO

O conceito de Estética, do grego *aisthesis*, significa percepção, sensação, sensibilidade, ligado à estrutura do corpo humano, remete à completude (cabeça, troncos e membros etc.), à funcionalidade, à resistência e à eficiência. Em caso de ausência de alguma parte ou disfuncionalidade de outra, surge o estigma, que revela a reação social diante de uma deficiência física ou mental, cujo portador era/é conhecido como aleijado, que, no *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*, Michaelis, significa:

1 Que ou aquele que apresenta algum defeito, deformidade, mutilação física ou aleijão.

2 POR EXT Que apresenta falha moral ou espiritual, defeituoso, deformado imperfeito. (MICHAELIS, s.d., p. 1).

Segundo os dois significados do conceito, a pessoa deficiente física (defeituosa, deformada e mutilada) ou não pode incorrer em alguma falta moral. No romance de Pepetela, Angélica é conhecida como a vesga, e Dolores, como a aleijada.

No artigo “Terminologia sobre deficiência na era da inclusão”, Romeu K. Sasaki esclarece que:

Os termos são considerados corretos em função de certos valores e conceitos vigentes em cada sociedade e em cada época. Assim eles, passam a ser incorretos quando esses valores e conceitos vão sendo substituídos por outros, o que exige o uso de outras palavras. Essas outras palavras podem já existir na língua falada e escrita, mas, neste caso, passam a ter novos significados. Ou então são construídas especificamente para designar conceitos novos. O maior problema decorrente do uso de termos incorretos reside no fato de os conceitos obsoletos, as ideias equivocadas e as informações inexatas serem inadvertidamente reforçados e perpetuados. (SASSAKI, s.d., p. 1).

Angélica Ricos Olhos e Dolores sofrem de patologias – assimetria ocular (estrabismo) e disfunção articular (perna mais curta) –, respectivamente, e são confrontadas em ambientes hostis, permeados de curiosidade e rejeição. O narrador anônimo do romance, que tem deficiência de fala, comunica-se por meio de sons, gestos, expressões faciais e postura de corpo.

2. ESTIGMA E PRECONCEITO

Pessoas portadoras de deficiências físicas, como as três variações anteriormente referendadas, são tratadas, geralmente, com diversos tipos de discriminação.

Na obra *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, Erving Goffman elenca três momentos da criação, consolidação e mudança do conceito do estigma – era grega, cristã e atual:

Os gregos que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com corte ou fogo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada; especialmente em lugares públicos. Mais tarde, na Era Cristã, dois níveis de metáfora foram acrescentados ao termo: o primeiro deles referia-se a sinais corporais de graça divina que tomavam a forma de flores em erupção sobre a pele; o segundo, uma alusão médica a essa alusão religiosa referia-se a sinais corporais de distúrbio físico. Atualmente, o termo é amplamente usado de maneira um tanto semelhante ao sentido literal original, porém é mais aplicado à própria desgraça do que à sua evidência corporal. Além disso, houve alterações nos tipos de desgraças que causam preocupação. Os estudiosos, entretanto, não fizeram muito esforço para descrever as condições estruturais do estigma, ou mesmo para fornecer uma definição do próprio conceito. (GOFFMAN, 1988, p. 5).

Conforme Goffman, o conceito estigma, criado pelos gregos, indicava sinais corpóreos (cortes e queimaduras) como forma de exteriorização de condição de escravo, criminosos ou traidor. Posteriormente, certos tipos de erupção sobre a pele indicavam graça divina, e, na acepção médica, eram consideradas marcas de distúrbio físico. Para esse autor, a palavra estigma, hoje em dia, refere-se à desgraça exteriorizada pela evidência no corpo.

Soraya Bragança aborda, no artigo “Preconceito: ele existe?”, um padrão de comportamento que discrimina pessoas deficientes:

O preconceito fortalece-se com a escolha da palavra para rotular pessoas que fujam ao padrão concebido como normal que são diferentes: o deficiente. Deficiente, na língua portuguesa, significa: 1) Que tem deficiência; falho, imperfeito, incompleto; 2) Escasso. Deficiência é falta, lacuna, imperfeição, insuficiência. Isto leva, mesmo que inconscientemente, a associar o portador de alguma necessidade especial a alguém imperfeito, aquele que possui um defeito, e, portanto, tem valor menor, pouca qualidade, merecendo menos consideração. (BRAGANÇA, 2009, p. 26).

A diferença pelo preconceito e estigmatização, que afeta a identidade social e pessoal do narrador mudo, de Angélica Ricos Olhos e Dolores, considerados deficientes, revela a situação do eu e do outro, a partir da concepção do corpo perfeito e funcional.

3. MULHERES DIFERENTES EM A GLORIOSA FAMÍLIA (1997), DE PEPETELA: UMA “METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA” (HUTCHEON)

Uma das originalidades do novo romance histórico (“metaficção historiográfica”)³, uma tendência literária, que surgiu no final dos anos 1970, como forma de revisitação crítica da historiografia colonial europeia, consiste na elaboração de um protagonista baseado em um personagem histórico ou representante de um grupo marginal.

No romance em questão, o narrador é ficcional, mas sua condição é a de um escravizado, como milhares, na engrenagem do comércio da escravidão de Angola, consolidada entre os negreiros portugueses, holandeses e brasileiros. Além disso, a inclusão de um estrangeiro protagonista, o batavo Baltazar Van Dum, portanto, não luso

e isolado na comunidade portuguesa de Luanda, embora fosse católico, insere a narrativa na categoria de “metaficção historiográfica” (Hutcheon).

A inclusão de 10 epígrafes⁴, em *A gloriosa família: o tempo dos flamengos*, relatórios e cartas coloniais, consultados por Pepetela, permite afirmar que tais autores são também narradores verídicos dos fatos na época dos holandeses, paralelamente aos comentados pelo narrador onisciente. Assim sendo, a narrativa do angolano sobre os anos 1641 e 1648, em Angola, tem vários contadores: os citados no início dos capítulos, cujo teor é elaborado de forma ficcional, e a versão do excluído do processo colonial, o escravo pessoal do holandês Van Dum.

Ana Mafalda Leite, no artigo “Testemunhos orais da história: *A gloriosa família* e *A lenda dos homens do vento*” (2003), comenta a respeito do narrador de Pepetela:

Narrador personagem, a sua personalidade nunca se destaca muito ao longo da história. Tem uma breve biografia e alimenta-se das histórias dos outros, bem como de uma outra sombra, que o manipula, o autor. O seu rosto é um duplo de um duplo, escravo e senhor enquanto personagem, pois se alimenta da vida do patrão, escravo e autor, pois se nutre da consciência autoral. Instância ligada umbilicalmente a dois tempos, o tempo da história e o tempo do discurso, este pequeno deus narratológico transcende os limites da sua temporalidade ficcional e olha a História do seu Presente com o saber factual de um Futuro nele contido e actualizado. (LEITE, 2003, p. 109).

O escravo-narrador seguia seu amo suportando os odores desagradáveis por ele expelidos, como naquela ocasião, na qual o mesmo levava a carta secreta lusa para os holandeses, evitando sua prisão: “Desta vez usava uma camisa limpa, mas já tinha o cheiro azedo dos homens brancos, era inevitável. Eu, atrás, lá ia suportando o pivete. Devo dizer que também já estava habituado, eram muitos anos a andar no rasto daquele perfume de sovacos deslavados” (PEPETELA, 1999, p. 30-31); ou mesmo nas épocas durante as quais Baltazar se queixava do calor e suava muito: “E de facto cheirava sempre a transpiração, aquele azedume, pior que leite coalhado, que não largava o meu nariz”. (PEPETELA, 1999, p. 53).

Filho de um missionário napolitano e de uma escrava lunda, ele (personagem fictício) fora criado por D. Bárbara, irmã da rainha Jinga (personagem real), e acabou sendo presenteado pela soberana contra a vontade expressa da mãe de criação a Baltazar, quando ambos iniciaram o comércio de “peças africanas”. Arguto observador dos europeus, o narrador comenta suas impressões acerca de atitudes e tradições dos

colonizadores, de variadas formas. Sobre a falta de higiene pessoal, ele narra os costumes de Baltazar, que são protótipos daqueles dos europeus:

O meu dono seguia o hábito dos outros brancos, fossem mafulos fossem portugueses, que nos chamavam bárbaros por tomarmos banhos sempre que podíamos e disso fazermos uma festa. Ele tomava um pela Páscoa e outro pelo Natal, não devia exagerar, muito banho desgastava a pele, como afirmava. E se esfregava dentro da selha, no meio do quintal, até ficar vermelho como um jindungo. Era espectáculo a que toda a gente assistia, família, forros e escravos, numa verdadeira festa, com muitos risinhos das mulheres e comentários malandros dos rapazes. Mandava a boa moral que usasse uns calções finos, não podia mostrar as partes indecentes às filhas, aos outros não fariam mal. Já os filhos tinham os nossos hábitos, de se banharem sempre que podiam. (PEPETELA, 1999, p. 31).

O entrelaçamento e percepção de culturas diferentes, evidentes na narrativa de Pepetela, contribuíram para o questionamento de identidades entre os portugueses, os holandeses e os nativos, em um processo sutil de formação de uma identidade híbrida, devido principalmente aos casamentos entre brancos e negros: a dinastia de Baltazar Van Dum, constituída por vários filhos da casa grande e do quintal, forma-se com o nascimento de várias crianças entre os seguintes casais distintos: Gertrudes e Manuel Pereira, cristo novo português (três filhos); Matilde com Jean Du Plessi, oficial francês (filho Henri); Ana e Jaime, português; Rodrigo e Cristina Nzuzi, da dinastia do Congo (dois filhos); Nicolau, filho do quintal, e Chicomba, escrava (um filho); Ambrósio e Angélica, degredada do Brasil (um filho) e Hermenegildo e Dolores, escrava (filho Gustavo):

A maior parte paridos de D. Inocência, outros feitos no quintal, cujas mães escravas já tinham atravessado o mar, exigência da esposa oficial pela lei da Igreja. Os filhos todos eram mulatos, como eu, mas havia tonalidades diferentes e uns tinham olho azul, outros verdes e ainda outros castanhos. Do casamento tinha ele oito filhos, do quintal o número era incerto. (PEPETELA, 1999, p. 21).

Inocência Van Dum busca o embranquecimento de sua família com incentivo dos filhos e filhas para relacionamento com pessoas brancas. Quando nasce uma criança escura, ela vocifera: “– Mais um a atrasar a raça” (PEPETELA, 1999, p. 239). A matriarca zela pelo relacionamento sexual do marido: quando uma escrava engravida dele, a nativa a vende, explicando: “O Brasil é a solução” (PEPETELA, 1999, p. 367). Ciosa da posição social de sua família, ela decepçiona-se muito quando seu filho Ambrósio, o intelectual, que tinha estudado com os padres e planejava estudar teologia,

envolveu-se com a degredada Angélica, e Hermenegildo, o mais refinado, estuprou e engravidou Dolores, a escrava deficiente física.

Em “A luta do portador de deficiência contra o descaso da sociedade”, Eloy J. Garcia explica que:

Deficiências são aquelas exteriorizações notáveis – aos olhos, aos ouvidos, ao tato, ao raciocínio – por seu afastamento do que se considera normal: algo que falta, algo que não foi bem feito, incompleto, algo que foi alterado em virtude de intervenção, violenta ou não. (GARCIA, 2009, p. 8).

Ao ressaltar as deficiências genéticas e aquelas provocadas por enfermidades ou acidentes, Eloy J. Garcia caracteriza pessoas com limitações físicas:

Por todas as formas possíveis de verificação, está comprovado que se trata de espíritos com todas as qualidades e defeitos daqueles dos indivíduos ditos normais, capazes das mais altas expressões intelectuais, e, até mesmo físicas. De alguma forma tiveram suas capacidades limitadas, impedindo-lhes a livre e total expressão, física ou mental. (GARCIA, 2009, p. 8).

As duas mulheres, consideradas deficientes, são uma livre, a brasileira Angélica, e a cativa, a nativa Dolores.

3.1 Angélica Ricos Olhos: vesga, assassina, degredada e prostituta

Alta, com decote profundo e estrabismo acentuado, Angélica Ricos Olhos, que tinha peruca loura, chegou a Luanda, a bordo do *De Witte Hoop*, em março de 1647:

Ficámos a saber que Ricos Olhos era nome de família, pois se tratava da filha de um português de Pernambuco que usava esse apelido. E a mãe era uma escrava. Angélica foi reconhecida pelo pai e sempre bem tratada na casa paterna. Mas o pai morreu na sua adolescência e ela foi expulsa da casa pela madrasta, que intimamente nunca aceitou os filhos que o defunto marido implantara em ventres escravos. (PEPETELA, 1999, p. 325).

A patologia e o choque na vida social da pessoa, como Angélica, que tem a assimetria ocular, são temas de Sílvia Monteiro *et alii* no artigo “Estrabismo em idade ambliogénica”:

O estrabismo é uma das patologias oculares mais frequentes em idade pediátrica. Define-se como uma alteração no alinhamento ocular e afeta cerca de 3-5% de todas as crianças no mundo. [...] Se não for tratado adequadamente pode originar não só alterações funcionais potencialmente irreversíveis mas também alterações estéticas importantes. Estas alterações na população pediátrica podem ter um impacto acrescido ao

interferir com a normal aprendizagem escolar e com o desenvolvimento das primeiras relações sociais. (MONTEIRO, 2016, p. 318).

Órfã de pai e sem meios de subsistência, a moça mestiça foi viver com um soldado holandês na guarnição de Recife: “Mas este, nas suas bebedeiras, a tratava mal, sempre com ironias à sua vesguice. E arranjou outra concubina, uma holandesa muito mais velha do que ele” (PEPETELA, 1999, p. 325). Angélica, ao saber da identidade da rival, foi até a casa dela e: “lhe bateu com um pau até tornar o rosto da outra numa coisa disforme. Aquela flamenga nunca haveria de chamar a atenção de nenhum homem, se gabou à vizinhança. O que provocou uma carga de pancada dada pelo amante” (PEPETELA, 1999, p. 325). Depois o casal reatou:

Mas este pelos vistos não tinha cura. Numa bebedeira ameaçou Angélica de a por na rua se não endireitasse os olhos. E que apanharia na rua a primeira mulher não vesga para a meter em casa. A rapariga já estava farta de humilhações e aproveitou o sono embrutecido dele para lhe espetar umas facadas na barriga para ele aprender o respeito devido a senhoras, conforme alegou no julgamento. O soldado não já acordou. Ela foi presa e condenada ao degredo para Angola, onde havia pungente falta de mulheres. (PEPETELA, 1999, p. 325-326).

Ao chegar a Luanda e começar a frequentar uma bodega para conquistar clientes, Angélica Ricos Olhos chamou a atenção pelo seu nome, sobrenome e pelos olhos, principalmente de Baltazar e Hermenegildo Van Dum:

— De angélica não tem nada — disse Baltazar, ao ouvir a estória.
— E o nome dela está errado de uma ponta à outra — concordou Hermenegildo. Ambrósio não falava, todo atento à mínima mudança de direcção no olhar da rapariga. Será que ouviu a estória. Parecia mais preocupado em saber para onde ela olhava, se já tinha reparado nele, se estava a fitar outra pessoa com insistência. Coisas que se descobrem com certa facilidade em outras mulheres, desde que não sejam muito dissimuladas. Angélica Ricos Olhos desafiava o mais atento investigador. Até eu estava baralhado, pois me parecia que ela só tinha olhos para mim, quando todos sabemos que nunca ninguém tinha reparado neste desgraçado escravo. (PEPETELA, 1999, p. 325-326).

Ambrósio não resistiu ao charme dela e se aproximou: “Estranha bruxaria. Como não haveria o culto Ambrósio de ficar fascinado e entusiasmar por um estudo mais próximo do fenómeno? Tão próximo queria ele o estudo que saiu com ela da taberna, sem ter sequer bebido um copo de vinho que lhe ofereciam” (PEPETELA, 1999, p. 326). Retornou fascinado, compreensivo com a trajetória de vida dela que desejava se casar e mudar de vida. O pai retrucou:

— Espero que não seja contigo. Mas já consegues descobrir sempre para onde ela está a olhar — Não. Mas com o tempo hei de descobrir. Tem de haver constâncias que se deixem notar. Sabendo isso, se descobre tudo. Mas não se pode perguntar permanentemente para que lado estás a olhar? Isso ofende e ela reage mal. Tem de haver muita paciência e atenção.

— Estou a ver que pretendes dedicar-lhe muito tempo e atenção. Até que acordes com uma faca espetada na barriga. Ou não acordes. (PEPETELA, 1999, p. 327).

Nada valeram as advertências do pai, Ambrósio acabou se apaixonando por “uma criminosa, parecendo encontrar nela o que nunca procurara nas outras, algo para além da aparência física e do prestígio social” (PEPETELA, 1999, p. 327).

O escândalo tomou conta da vila: um jovem da “gloriosa família” andava enrabichado por uma degredada, assassina e puta. O pai o expulsou de casa, e ele foi viver às custas dela que não estava disposta a sustentá-lo a longo prazo. Ofendida por ser chamada de rameira e de não receber ajuda financeira para Ambrósio, Angélica revoltou-se: “não aceitou a posição de Baltazar e prometeu que se vingaria, pois o meu dono a insultara da pior maneira possível [...] e prometeu ir procurar a tia Anita, com quem já se relacionara no pouco tempo de permanência em Luanda” (PEPETELA, 1999, p. 339). Os resultados foram estranhos acontecimentos que ocorrem na casa da família – um armário de madeira maciça começou a se mexer, o candeeiro explodiu, a jarra de vidro teve a asa partida e a rede de descanso arrebentou – e atingem diretamente Baltazar, que, resoluto, afirma somente conhecer e aceitar as leis naturais. Apesar de já viver cerca de vinte anos em Angola e de ter presenciado de perto ritos étnico-religiosos, o velho senhor tentava distanciar-se dos episódios insólitos, que o perturbavam, em uma tentativa de explicar o sobrenatural, com afirmações apoiadas no pacto realista de representação europeu. No final, para se safar de mais feitiços e de livrar o filho da condição de chulo, de homem que vive com o dinheiro de mulher, Baltazar pagou uma pensão para os dois. Angélica gerou um menino e pode, enfim, ter uma família própria.

3.2 Dolores: aleijada, escrava e mãe de menino claro de olhos azuis

Nas cubatas (casa dos forros e escravos) da sanzala Van Dum, viviam homens e mulheres que trabalhavam na lida doméstica da casa grande, na horta, no jardim, no pomar, no cultivo de alimentos, no trato dos animais, na coleta da água, na segurança da propriedade, no controle da vida dos escravos etc. Uma das mulheres destacava-se pela

sua aparência: “Dolores era uma escrava que coxeava, por ter uma perna dez centímetros mais curta que a outra, e ganhou esse nome porque, no tempo dos portugueses, habitava a cidade uma espanhola que caminhava da mesma maneira e se chamava Dolores” (PEPETELA, 1999, p. 208).

No artigo “Perna curta falsa x perna curta verdadeira”, Luana de Freitas Santos esclarece a diferença entre dois tipos de manifestação biológica⁵, que são tratados na área da Osteopatia, enfatizando que tal disfunção articular causa desequilíbrio no movimento.

A cativa perdeu sua identidade étnica, a partir do momento no qual ela recebeu o nome de uma europeia, que tinha o mesmo problema físico, o andar claudicante. Essa renomeação banalizou a vida de uma moça que ficava reduzida à sua deficiência, como se não tivesse nenhuma virtude, habilidade ou capacidade para desempenhar uma atividade laboral e poder se sustentar com o fruto de seu trabalho. Por causa do preconceito, a sem nome, de fato, era vítima de vários tipos de violência.

Por causa de sua deformidade física, Dolores tinha custado muito pouco a Baltazar e revelara-se uma trabalhadora exemplar:

Dolores ajudava a carregar tudo o que fosse necessário, para a cozinha e para a casa grande, a lavar tudo que lhe viesse à mão, desde roupa até ao soalho. E regava a horta quando calhava. Estava sempre disponível e com tanta energia como um homem vigoroso. (PEPETELA, 1999, p. 367).

Além da juventude e da disposição total para o trabalho, segundo o narrador:

Dolores não tinha atributos físicos apreciáveis, além do andar extravagante, pois se mexia toda como uma cobra, num movimento ondulante desde os pés até a cabeça. Ajudava na limpeza da casa grande e numa necessidade premente Hermenegildo derrubou-a na esteira da cubata dela e engravidou-a. (PEPETELA, 1999, p. 208).

Simpático, educado e delicado no trato com todos, Hermenegildo Van Dum era considerado efeminado, pois não se vangloriava de conquistas amorosas de nenhum tipo, como era padrão nas sociedades em que a virilidade tem de ser alardeada desde a adolescência. Seu pai, acostumado a deitar no capim mulheres escravas, forras e livres, desconfiava de sua masculinidade e temia por sua reputação.

O rapaz, no entanto, era discreto, e também introjetou em si o machismo, além do sentimento de ser filho de negreiro e poder desfrutar do corpo das escravas sem pedir licença, sem buscar consentimento. Isso ocorreu quando, certo dia, viu Dolores passar pelo quintal. Hermenegildo e Dolores, escrava aleijada do quintal, tiveram um único

envolvimento sexual, pois o rapaz se sentira atraído pelo estranho caminhar da doméstica da casa grande. Bruto como um animal, o jovem se achava no direito de jogar ao chão uma moça virgem e indefesa. Sozinha com o filho de seu amo, ela não teve como se defender do estupro, já que sua condição de cativa a deixava sem reação natural de defesa diante de uma agressão física masculina e, em consequência disso, ela:

[...] bamboleou a barriga durante meses pelo terreiro. Com Dolores a falta de atenção era um escândalo, porque transportava uma enorme barriga que dançava em piruetas incríveis, pois quanto mais grávida mais ela coxeava, parecia uma jibóia ondulante que engolira um boi. Ou talvez tivessem visto que estava grávida mas nem se importavam em saber qual o pai. Afinal um escravo nunca tem uma estória interessante, é uma mercadoria que é vendida quando deixa de servir. (PEPETELA, 1999, p. 233-234).

De uma grave e dolorosa violência sexual, fora gerado um menino belo, Gustavo, que passou aparentemente despercebido entre os Van Dum. No momento em que Baltazar percebeu a cor clara e os olhos azuis do pequeno, quis saber quem seria o pai:

E aconteceu no dia seguinte o meu dono reparar no filho de Dolores. Estava na rede da varanda e ela passou com o filho na mama. Baltazar se admirou, ó Dolores então tiveste filho e não disseste nada? Fez um sinal e ela se aproximou, mostrando o menino. Já dava para perceber que não era negro retinto. Mas não foi o tom de pele que chamou a atenção do dono, mas sim os olhos azuis. Havia flamengo na costa. Baltazar não comentou nada com ela, despachou-a para os seus afazeres. Mas ficou pensativo. Quando Nicolau passou por perto, chamou-o.

— Já reparaste nos olhos do filho da Dolores?

— Por acaso soube no outro dia que ela tinha parido, mas não vi a cara da criança.

— Tem olhos azuis.

— E então, pai — sempre me pareceu que Nicolau por vezes era um pouco lento de raciocínio.

— E então? De algum de nós ele é filho. Meu não é. E teu?

— Livra, pai, eu ia fazer um filho naquilo? (PEPETELA, 1999, p. 237).

Nicolau rebaixava Dolores à condição de nada, à coisa, a objeto inanimado, somente porque ela tinha uma perna mais curta que a outra.

Na “reunião de machos”, Van Dum, o pai inquiriu Ambrósio: “Foste fazer um filho na Dolores. Já nem coxa te escapa?”. E Hermenegildo declarou ser o pai de Gustavo. O orgulhoso avô brindou a notícia com cálices de cachaça e convocou a mãe: “Dolores também se sentia perdida no meio dos senhores, afogada pela alegria do dono Baltazar, com o seu filho nos braços. Ia ficar com o filho dela e vendê-la para o Brasil? Estórias antigas eram contadas no quintal...” (PEPETELA, 1999, p. 239).

Hermenegildo, entretanto, não ousou olhar para a moça e o filhinho: “Não estava muito orgulhoso de ter apanhado a Dolores sozinha na sua cubata e ter entrado de rompante, sem dar tempo de ela lançar um ui, o que provavelmente não faria, habituada a caprichos estranhos de senhores” (PEPETELA, 1999, p. 239). A mãe dele, uma mulher negra, almejava o branqueamento de sua prole:

A horrorizada D. Inocência ficou a saber naquele momento que o seu filho Hermenegildo, tão delicado de carnes e modos, já era pai. Só disse:

— Mais um a atrasar a raça.

De facto, no pensamento de D. Inocência, só Gertrudes e Matilde tinham avançado a raça, pois foram as únicas a ter filhos com brancos. Rodrigo e Hermenegildo tinham feitos filhos em negras, o que significava regredir em relação a um ideal, o da alvura. [...] Achei que D. Inocência exagerava, não me parecia atrasar a raça fazer um cafuzo de olho azul. (PEPETELA, 1999, p. 239).

Ingênuo e orgulhoso da beleza da criança mestiça, a mãe que era considerada invisível, ou seja, não era levada a sério como pessoa individual na sanzala, não entendeu que a maternidade era sua, mas o nenê era escravo também e não lhe pertencia. Ela foi excluída da cerimônia de batismo, realizada na igreja da ilha de Luanda: “Baltazar achou inútil que a escrava coxeasse uma tão grande distância. Matilde ainda tentou argumentar, a Dolores tem o direito de assistir ao baptizado do filho. O meu dono levantou a voz, uma escrava não tem direitos, acabou” (PEPETELA, 1999, p. 241).

Com planos de se apossar do neto de olhos azuis, Inocência começou um processo para desmamá-lo, quando tinha dois anos de idade, tentando alimentá-lo com papas e mingaus. O pequeno, entretanto, recusava as refeições aos gritos, e Dolores o pegava, aumentando a raiva da avó.

A escrava Chicomba orientava Dolores sobre os perigos de sua reação maternal:

— De tanto enfrentares a senhora, ainda vais pagar. Antes ela fazia vender as escravas que tinham filhos do marido. Agora te vendi a ti por causa do Gustavo. É o que se fala aqui no terreiro e já ouviste.

— O meu dono nunca vai me vender, ele sabe que trabalho bem e nuca refilo.

— És muito burra se confias nele. E és muito burra se não desconfias da mulher dele. Deixa lá a criança brincar na casa grande e comer as porcarias deles. Assim ficas ao pé do Gustavo. (PEPETELA, 1999, p. 363).

Acreditando ter poder sobre o filho, Dolores enfrentava a patroa, a qual montou um estratagema para culpabilizá-la do roubo de duas colheres de prata, embora a escrava somente se alimentasse, conforme a tradição cultural, com o uso de uma das mãos. Para não contrariar a esposa, Baltazar pensou em uma punição física, mas recuou, pois,

acreditou ser “um espetáculo doloroso para a criança ver a mãe chicoteada ou mesmo se evitasse o látigo, ficar amarrada ao tronco” (PEPETELA, 1999, p. 367). Ele deliberou que Dolores e o filho deveriam ir para o arimo (fazenda), mas a cômpute gritou: “O meu neto não vai para o Bengo, nem morto [...]. D. Inocência tinha virado fera, a defender os seus direitos sobre o neto”, enquanto segurava Gustavo “que gritava e esperneava, recusando o colo estranho e mirrado” (PEPETELA, 1999, p. 370). A velha senhora queria mais uso de violência para humilhar a escrava e exigiu que ela fosse amarrada. Quatro homens ataram as pernas de Dolores, que foi enrolada na rede de Baltazar e conduzida violentamente, como um animal, para fora da sanzala:

A coxa berrou e chorou quando se apercebeu que Gustavo não ia. Foi uma cena que eu preferia não ter visto. O menino foi arrancado dos braços da mãe e levado para a casa grande, onde gritava com toda a força. E, no quintal, Dolores lutava, recusando partir. Dimuka lhe passou uma corda pelo pescoço, ele e Kalumbo puxavam, e ela se atirou para o chão, só ia arrastada. (PEPETELA, 1999, p. 369-370).

A cruel separação entre mãe e filho foi dilacerante, segundo o narrador. Diante da cena monstruosa, Gustavo gritava desesperado sem entender os fatos e:

Exigia a presença da mãe no seu kimbundu incipiente. E quando a avó o soltou, fugiu para o quintal. Ela gritou para a escravaria, não o deixem fugir, não o deixem fugir, mas ele de facto não podia ultrapassar o portão maciço do quintal. Foi apanhado e levado para a casa grande. (PEPETELA, 1999, p. 370).

Nascida livre, Dolores, cujo nome étnico tinha desaparecido, se tornou escrava, no âmbito das caçadas humanas de pumbeiros pelo interior e, por causa de sua nova condição, ela era posse de Inocência, que a dificultava do compartilhamento de sua vida com a do seu filho: amamentação, nutrição e afeto. Órfão de mãe viva, Gustavo ficou aos cuidados da amorosa Catarina, filha bastarda de Baltazar Van Dum, até que sua mãe biológica reapareceu.

Cerca de um mês mais tarde, apesar de ter dificuldades de locomoção, Dolores conseguiu fugir da distante fazenda do rio Bengo e apareceu nas cercanias da sanzala para tentar sequestrar o próprio filho. O escravo-mor de Baltazar a observou, aguardou o momento certo para pegá-lo e entregá-lo à sua mãe:

Não ofereceu resistência, adivinhando que eu nunca quereria o mal dele. [...] Chegados à entrada, levantei Gustavo e o sentei em cima do portão, para que ele e a mãe se vissem. Dolores se aproximou, com lágrimas nos olhos. A criança reconheceu-a e estendeu os bracitos, gritando. [...] A mãe o amarrou

logo às costas com o pano e correu para o mato. (PEPETELA, 1999, p. 371 e 372).

Determinada a recuperar seu filhinho, Dolores enfrentou vários obstáculos para conseguir regressar. Fugiu do arimo do rio Bengo e, ajudada pelo escravo amigo e compadecido, narrador do romance, conseguiu receber das mãos dele o menino. Embora “os pisteiros tivessem descoberto na areia vermelha as marcas dos pés de Dolores, marcas fáceis de distinguir” (PEPETELA, 1999, p. 372), ela conseguiu fugir sem deixar vestígios.

O meu dono só lamentava. Acabei de perder uma boa escrava e um neto. Hermenegildo não lamentava nada, encolhia os ombros. E D. Inocência não falava, cheia de raiva, pensando certamente que o neto corria nu e descalço pelo mato, sugando leite daquelas tetas malditas, que um raio as seque. (PEPETELA, 1999, p. 372).

CONCLUSÃO

A questão da estética do corpo, do estigma e do preconceito, abordada no romance *A gloriosa família: o tempo dos flamengos*, abrange a trajetória do narrador, escravo deficiente de fala, e a de duas mulheres – a estrábica Angélica Ricos Olhos, livre e mulata, e a manca Dolores, escrava e negra –, em Luanda, por conseguinte, o impacto que as imperfeições, segundo o ideal do corpo completo, causaram em si mesmas e nas pessoas em seu entorno.

Conhecidas como deficientes dos olhos e das pernas, ou seja, portadoras de assimetria ocular (Angélica Ricos Olhos) e disfunção articular (Dolores), buscou-se a compreensão da associação do conceito do ser aleijado que especificamente abrange, de um lado, partes do corpo e que remete à deformidade, à curiosidade, ao estigma, ao preconceito e à rejeição e, de outro, evocam sinônimos degradantes como: vesga e caolha, manca e coxa, aleijadas, disformes, horrendas.

As diferentes degenerações orgânicas que atingem os três jovens, segundo muitas pessoas que as veem, indicam uma perda de humanidade delas. A conduta dos movimentos corporais – mudez, olhos estrábicos e perna desnivelada – provoca geralmente incompreensão e sentimento de horror, de estranhamento e de alteridade: a visão falha em lateralidade e profundidade de Angélica e o movimento trêmulo de Dolores. Fato é que os corpos delas apresentam funcionalidade, resistência e eficiência

de movimentos, ainda que de forma distinta daqueles que não são portadores de deficiências.

As patologias – a do rapaz e as das moças – provocam ambientes hostis, permeados de curiosidade e rejeição: alguns observam o tosco processo de comunicação do escravo, outros querem saber para onde Angélica olha, por fim, também desejam entender como Dolores consegue se movimentar, sem cair, tendo uma perna mais curta que a outra, de ser capaz de realizar com maestria tantas atividades domésticas que exigem habilidade, concentração, força e firmeza.

Aparentemente frágeis e em busca de proteção, Angélica e Dolores sobrevivem em uma sociedade machista: a primeira era zombada pelo companheiro que não cansava de apontar para a sua deformidade visual, até que ela não aguentou mais e o matou. No degredo em Luanda, conheceu o intelectual Ambrósio que a amou sinceramente.

A segunda, vítima de desprezo, revelou-se eficaz e competente na lida da casa grande. Atraiu Hermenegildo que a violentou brutalmente, mas ela, em sua resiliência, sobreviveu à força física masculina e teve uma gravidez tranquila. Gerou uma criança encantadora, com belos olhos azuis, a quem amamentou com tanto desvelo que provocou a fúria de sua senhora, a avó do menino. Esta desejava a criança por causa de sua beleza e incriminou Dolores como ladra de talheres de prata. Afastada no arimo de Bengo, a mãe conseguiu escapar e chegar até a sanzala Van Dum, onde conseguiu recuperar Gustavo e sumir pelo mato afora, apesar de sua dificuldade para caminhar.

No romance *A gloriosa família*, Pepetela consegue sensibilizar quem lê para a condição de pessoas que são marginalizadas por causa de deficiências físicas. Ele, por meio de seu narrador, mostra que as alterações congênitas, que afetaram a vida das duas moças, sem que as mesmas pudessem mudar as anomalias, não impediram que elas pudessem ter uma vida com realizações pessoais: Angélica pode receber um amor sincero masculino, ser mãe e constituir uma família, já Dolores realizou-se na maternidade, gerou uma criança linda e afetuosa a quem pode alimentar e mimar, apesar de todos os tipos de proibições e impedimentos de seus senhores.

Referências

A ONU E AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/acao/pessoas-com-deficiencia/>. Acesso em: 28 jan. 2021.

BRAGANÇA, Soraya. Preconceito: ele existe? In: BRAGANÇA, Soraya; PARKER, Marcelo (Orgs.). *Os significados do “ser diferente” e suas repercussões na sociedade*. Porto Alegre: Edipcrs, 2009. p. 12-33.

BRAGANÇA, Soraya; PARKER, Marcelo (Orgs.). *Os significados do “ser diferente” e suas repercussões na sociedade*. Porto Alegre: Edipcrs, 2009. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/igualdadenasdiferencas.pdf>. Acesso em: 2 set. 2020.

GARCIA, Eloy J. A luta do portador de deficiência contra o descaso da sociedade. In: BRAGANÇA, Soraya; PARKER, Marcelo (Orgs.). *Os significados do “ser diferente” e suas repercussões na sociedade*. Porto Alegre: EDPUCRS, 2009. p. 8-10.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação deteriorada*. Trad. de Mathias Lambert. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LEITE, Ana Mafalda. Testemunhos orais da história: *A gloriosa família e A lenda dos homens do vento*. In: LEITE, Ana Mafalda. *Literaturas Africanas e formulações pós-coloniais*. Lisboa: Colibri, 2003. p. 107-124.

MICHAELIS. *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/aleijado/>. Acesso em: 2 set. 2020.

MONTEIRO, Sílvia *et alii*. Estrabismo em idade ambliogénica: estudo retrospectivo de 12 meses consecutivos de referenciação oftalmológica hospitalar. *Oftalmologia*, v. 40, nº 4, p. 317-323. out./ dez. 2016.

PEPETELA. *A gloriosa família: o tempo dos flamengos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

PESSOA COM DEFICIÊNCIA: a evolução do termo e dos conceitos aplicados. Disponível em: <https://blog.freedom.ind.br/pessoa-com-deficiencia-evolucao-do-termo-e-dos-conceitos-aplicados/>. Acesso em: 28 jun. 2020.

SANTOS, Luana de Freitas. Perna curta falsa x perna curta verdadeira. Disponível em: <http://www.essencialepilates.com.br/2017/06/27/perna-curta-falsa-x-perna-curta-verdadeira/>. Acesso em: 2 set. 2020.

SASSAKI, Romeu K. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. Disponível em: www.selursocial.org.br/terminoloia.html. Acesso em: 2 set. 2020.

SILVA, Luciene M. da. O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência. *Revista brasileira de educação*, v. 11, nº 33, p. 424-434, set./ dez. 2006.

Iconografia

Fig.1- Capa do romance. Edição Dom Quixote, Lisboa (2016). Disponível em: <https://www.leyaonline.com/pt/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

Fig. 2- Pepetela (2018). Disponível em: <https://www.dn.pt/artes/interior/duas-mulheres-na-angola-de-pepetela-5173696.html>. Acesso em: 21 ago. 2020.

Recebido em: 03/06/2021

Aceito em: 15/07/2021

¹ Pepetela (pseudônimo de Arthur Carlos Maurício Pestana dos Santos) é tradução do sobrenome Pestana em umbundu, uma das línguas faladas em Angola.

² A narrativa está dividida em 12 capítulos numerados, os quais contêm informações, em parênteses, sobre mês e ano do ocorrido a ser narrado, ou seja, – CAPÍTULO PRIMEIRO (*Fevereiro de 1642*) – etc. até CAPÍTULO DÉCIMO SEGUNDO (*Agosto de 1648*). A obra tem um prólogo sobre um episódio histórico envolvendo Baltazar Van Dum, um cidadão flamengo, que vivia muitos anos em Luanda, antes da conquista holandesa, e era genitor de uma grande dinastia. Tem um glossário, anexado ao final, que contém 42 palavras relativas à fauna, flora, cultura e religião, oriundas dos idiomas kimbundu, umbundu e kikongo.

³ O conceito de “metaficção historiográfica”, de Linda Hutcheon, que aparece na obra *Poética do Pós-Modernismo: história, teoria, ficção*. Trata-se de um tipo de produção literária, a partir da década de 1980, denominada de “novo romance histórico”, o qual, com caráter metadiscursivo, refletia uma tentativa crítica de reescrita da historiografia oficial que apresentava a versão do colonizador. Os escritores de narrativas de fundo histórico, por meio da ironia, da metadiscursividade, da paródia e da intertextualidade, enfatizam o discurso do oprimido, do “ex-cêntrico”, que enfrenta os mecanismos do poder em narrativa denominada de “metaficção historiográfica” (HUTCHEON, 1991, p. 13-14; 250). O narrador do romance de Pepetela é um escravo.

⁴ A intenção de escrever um romance histórico torna-se ainda mais evidente, pelo fato do romancista colocar no início de dez capítulos dos doze, que compõem a obra, trechos de livros de História de proeminentes autores e de correspondência existente nos Arquivos da Haia e Prop, na Holanda, e nos Arquivos de Angola, em Luanda, bem como na Biblioteca da Ajuda, em Lisboa: carta de anônimo sobre a chegada dos holandeses (maio de 1643), (**Capítulo 2**); relatório de Moortamer e Nieulant (11-09-1641) sobre a amizade oferecida por Dom Agostinho, comandante da Ilha de Luanda, pertencente ao Congo, (**Capítulo 3**); trecho de *A Dupla Restauração de Angola*, de Silva Rego (1948) com informações sobre a evasão do governador Pedro César de Menezes, auxiliado pelo capitão Gaspar Gonçalves, o Ensandeira, (**Capítulo 4**); comentário de C. R. Boxer, em *The Dutch in Brazil*, sobre a prematura morte do cientista alemão Marcgraf, enviado de Nassau, para Angola, onde pereceu vítima de paludismo (**Capítulo 5**); carta do governador Fernão de Sousa ao rei (29-07-1632) a respeito da necessidade de se batizar os negros em Angola, (**Capítulo 6**); carta de Cornelis Ouman ao Conselho do Brasil (12-01-1642), oferecendo seus préstimos a Nassau para estabelecer o comércio com os lusos (**Capítulo 7**); carta de Francisco de Sottomayor ao Rei (04-12-1645) sobre a facilidade dos batavos em adquirir gêneros alimentícios no Bengo e no Dande (**Capítulo 8**); carta do Padre António Vieira ao Marquês de Nizza (12-08-1648) sobre a extrema importância de Angola no comércio de escravos (**Capítulo 9**); carta de Padre Bonaventura da Taggia ao Monsenhor Ingoli (05-09-1646) sobre a futura vitória dos portugueses devido aos prejuízos comerciais da Companhia das Índias Ocidentais (**Capítulo 11**) e carta do Padre António do Couto (05-09-1648) a respeito de uma missa campal realizada próxima à Luanda, durante a reconquista lusa (**Capítulo 12**).

⁵ “A perna curta verdadeira é uma condição onde anatomicamente uma perna é mais curta que a outra e isso é comprovado através de exames de imagem (escanometria) e a medição dos membros inferiores através de pontos ósseos específicos.

A perna curta falsa é uma consequência de um desnivelamento em outra estrutura, na maioria das vezes do quadril ou coluna vertebral. Essa alteração postural, que pode ser ocasionada por um encurtamento muscular na região das costas, desloca o quadril para cima dando a falsa impressão que o membro inferior desse lado é maior que o outro”. (SANTOS, 2017, p. 1).